
ESTUDOS CULTURAIS E MEDIAÇÕES NA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA CONTEMPORÂNEA DA AMAZÔNIA¹

Kethleen Guerreiro Rebêlo²
Maximiliano Martín Vicente³
Universidade Estadual Paulista, UNESP/Bauru

RESUMO

O presente artigo realiza estudo exploratório, por meio de análises de conteúdos jornalísticos veiculados em mídia alternativa contemporânea da Amazônia, tendo como base duas matérias veiculadas no Portal Sátira, meio de comunicação *online* da cidade de Parintins/AM. Para fundamentar nossa análise fizemos articulações com os Estudos Culturais da New Left Inglesa e os estudos das Mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997). A metodologia utilizada se inspirou na análise do conteúdo proposta por Laurence Bardin. Os resultados obtidos evidenciam que o Portal Sátira se encaixa no jornalismo alternativo por apresentar conteúdos e personagens nem sempre ouvidos pela grande mídia e que se identificam com as práticas populares.

Palavras-chave: Mídia alternativa; Estudos culturais, Mediações; Portal Sátira; Amazônia.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos o jornalismo e a prática jornalística sofrem mudanças expressivas. Tais transformações afetaram diretamente a estrutura das empresas de comunicação que submeteram a produção jornalística à exploração da lógica do sistema capitalista, fazendo com que o jornalismo fosse de algo ligado a responsabilidade social à um jornalismo de mercado (PEREIRA, 2004). Na prática jornalística as mudanças vão desde as novas formas de produção noticiosa, a rapidez das plataformas digitais e a crise da imprensa jornalística enquanto negócio. A lógica comercial é adotada e o jornalismo acaba perdendo seu papel crítico perante a sociedade. Os conteúdos veiculados de forma rápida são mais valorizados do que os produzidos de forma elaborada e em profundidade (MARCONDES FILHO, 2000).

A imprensa jornalística passou a seguir essa lógica capitalista a partir da década de 1960, onde era desenvolvido um jornalismo que se assemelhava as linhas de uma produção industrial. Técnicas jornalísticas eram adotadas de forma em que esse processo acelerava inclusive a produção do jornal impresso, atendendo assim, os princípios mercadológicos.

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – comunicação, espaço e cidadania (GP comunicação para a cidadania), XX encontro dos grupos de pesquisas em comunicação, evento componente do 43º congresso brasileiro de ciências da comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação do, e-mail: kethleen.guerreiro@unesp.br

³ Orientador do trabalho. Professor do PPGCOM da UNESP/BAURU, e-mail: mm.vicente@unesp.br

A referida lógica sistemática também atinge diretamente a estrutura do texto jornalístico, uma vez que o resultado final deste acaba seguindo um caráter mais instrumental. Alinhado aos interesses do mercado, o jornal passa a ser produzido como uma espécie de manual da vida cotidiana e o jornalista assumindo o papel de um simples operário do sistema de produção capitalista (PEREIRA, 2004).

Diante desse cenário, acredita-se ser importante pesquisar dinâmicas comunicacionais que produzam conteúdos críticos, que veiculem notícias capazes de despertar no receptor inúmeras possibilidades de interpretações e que vão contra a lógica comercial do jornalismo. A comunicação alternativa torna-se então nosso ponto de partida no presente estudo. Para contribuir de forma significativa, na tentativa de reafirmar que tal perspectiva possui parâmetros de produção que promove reflexões, expõe diversos pontos de vistas sociais e políticos, e principalmente, que serve como ponte para que debates sejam ampliados, realizamos articulações com os Estudos Culturais da New Left Inglesa e com os Estudos das Mediações para desenvolver pesquisa exploratória, por meio de análises de conteúdos jornalísticos veiculados em mídia alternativa contemporânea na Amazônia.

Tomamos como referência, então, os preceitos dos Estudos Culturais e dos Estudos das Mediações para analisar reportagens do Portal Sátira, veículo de comunicação alternativa da cidade de Parintins/AM, que surgiu em 2016, fruto do trabalho de conclusão de curso de um ex aluno do curso de jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), *campus* Parintins. A referida mídia começou como um blog pessoal e tempos depois o criador, Gabriel Ferreira, decidiu transformá-lo em um portal de notícias. O portal contém espaço *web* multimidiático no âmbito do jornalismo digital e independente, que explora temáticas da região amazônica de forma compromissada.

Utilizamos a metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e com base nas características do Jornalismo Alternativo buscamos responder à questão: qual a concepção de jornalismo defendida pelo Portal Sátira no que tange às características e especificidades da prática jornalística?

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA CONTEMPORÂNEA

Quando se fala de comunicação ou mídia alternativa nos remetemos, a priori, aos tempos de chumbo da ditadura militar (1964-1985), período esse em que a comunicação alternativa teve seu *boom*. Existem vários trabalhos que abordem a referida temática no determinado período histórico, como por exemplo o de Elisangela Colodeti (2016) e José Ismar Petrola Jorge Filho (2018). No entanto, o estudo que aqui se segue pretende abordar esse viés do jornalismo, denominado de jornalismo alternativo, à luz da contemporaneidade e pretende apresentar como tal possibilidade midiática sobrevive ao longo dos anos e como está sendo desenvolvida, nesse caso, na Amazônia.

Durante o regime militar a imprensa e os jornalistas sofreram censuras, opressão, torturas e várias outras formas de violências (KUCINSKI, 2001). Naquela época, a mídia alternativa surgia desvinculada da grande imprensa, opositora dos militares, contestando e publicando diversas denúncias. No entanto, movidos por vários questionamentos acerca do atual cenário em que vivemos, fica a seguinte indagação: e hoje, ao que a mídia alternativa contesta? A que resiste?

Estudiosos contemporâneos da comunicação alternativa afirmam que tal perspectiva pode ser definida de acordo com sua ideologia, já que esta, por consequências de suas origens históricas, está alinhada a ideários de esquerda. Por este motivo, Dênis de Moraes (2009) diz que a comunicação alternativa é “manifestação contra hegemônica, numa direção anticapitalista e antineoliberal”. Já Gomes (2014) entende que os novos veículos da mídia alternativa produzem “discursos e imaginários outros, às margens e quase sempre também contrariamente aos poderosos interesses políticos e ideológicos da indústria cultural” (p.11).

No entanto, definir alternativo somente pelo viés ideológico pode ser enganador, principalmente quando buscamos o histórico político do Brasil em que, no período de 2011-2016 os presidentes do país faziam parte do Partido dos Trabalhadores, partido esse alinhado à esquerda (SILVA et al, 2013). Vale lembrar que, nessa época houveram incentivos a sites e blogs para que fizessem contraponto a imprensa e ao poder vigente, o que coincide com o papel da mídia alternativa.

Um ponto importante a se tocar na referida discussão relaciona-se as novas narrativas comunicacionais postas em rede. As redes sociais da internet estão tomando conta de espaços significativos na disseminação de informações. Como consequência,

vivemos atualmente uma onda de *Fake News*, em que o indivíduo visa curtidas, compartilhamentos e principalmente o lucro (JORGE FILHO, 2018). Reiteramos o papel do jornalismo alternativo, por ser um viés que, historicamente, não tem como objetivo principal a obtenção de lucro, característica marcante dessa perspectiva comunicacional.

Portanto, a comunicação alternativa é também definida como uma narrativa jornalística que propõe diferentes definições do que pode ou não ser considerado notícia, trazendo outros enquadramentos, se diferenciando na escolha das fontes e permitindo que o receptor tenha várias possibilidades de interpretações. A história das comunicações e das artes mostra que sempre houve certas distribuições do sensível (RANCIÈRE, 2009), permitindo o que se diga ou de que maneira seja dito, o que se configura como alternativas de entendimentos e interpretações.

ARTICULAÇÕES

- ESTUDOS CULTURAIS

Os estudos críticos de comunicação e cultura de massa foram inaugurados pela Escola de Frankfurt que também desenvolveu um primeiro modelo de estudos da cultura na sociedade capitalista (KELLNER, 2001). Os modelos de estudos culturais vão desde os neomarxistas potencializados por Lukács, Gramsci, Bloch e a Escola de Frankfurt nos anos de 1930, até os feministas e psicanalistas. O campo dos Estudos Culturais surgiu em 1964, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, compunham o eixo principal de observação do CCCS (ESCOSTEGUY, 2001)

Dentre os inúmeros pesquisadores que colaboraram com o referido campo de estudos destaca-se Raymond Williams (1958) que além de ter participação significativa foi com suas obras que passamos a ver discussões mais densas acerca da Cultura. Em *The Long Revolution* (1961) o autor apresenta dois conceitos do termo, com duas ênfases diferentes, desde a mais primitiva e idealista à uma deliberadamente antropológica, em que enfatiza o aspecto de Cultura que se refere às práticas sociais. E nessa contextualização de conceitos e ênfases que a teoria da cultura acabou sendo definida como “o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global (...), perpassada por todas as práticas sociais que constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” (HALL, 2003, p.136).

Thompson (1963) resiste ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global, defendida por Williams. Este, por sua vez, sustenta que a cultura pode ser entendida enquanto um enfrentamento entre modos de vida diferentes. Já Hoggart (1957) apresenta pesquisa qualitativa defendendo um olhar de que na cultura popular não há apenas submissão, mas também resistência. O autor exhibe a vida cultural da classe trabalhadora, mostrando em um tom nostálgico, a relação da cultura orgânica da referida classe (ESCOSTEGUY, 2001).

Nos propomos, apoiados em Stuart Hall (2003), desenvolver investigação de práticas de resistências sociais/culturais/comunicacionais, olhando os objetos da comunicação como Cultura. Assim o fizemos, devido ao pensamento de Hall também alinhar-se as convicções democráticas e em observações da cena cultural contemporânea, sempre relacionando cultura com estruturas sociais de poder.

Os estudos culturais nos auxiliaram a ver a comunicação como cultura, nesse caso, *cultura* no jornalismo alternativo, manifestada nos elementos que expressam a forma de ser de determinado povo (SIQUEIRA E SIQUEIRA, 2007), bem como o consumo dessa dinâmica comunicacional. Vivian Vigar (2013) diz que “esse novo padrão de consumo se difere da cultura de massa que é, essencialmente, homogênea, fruto da produção em escala industrial, elaborada por poucos e consumida por muitos” (p. 8). Os estudos culturais, portanto, constituem, de acordo com Williams (2011), o ramo da sociologia geral em que a sociologia cultural preocupa-se com os processos sociais de toda a produção cultural, inclusive aquelas formas de produção que podem ser designadas como ideologias.

- ESTUDOS DAS MEDIAÇÕES

Pensando a comunicação com sua legitimidade intelectual, ou seja, entendendo a comunicação como lugar estratégico em que se pensa a sociedade e onde o comunicador assume o papel intelectual, é nosso ponto de partida nas discussões acerca dos estudos das Mediações. O paradigma da mediação e da análise cultural aponta para o peso social nos estudos e investigações do referido campo, reiterando a exigência de repensar a relação comunicação-sociedade e redefinindo a importância e responsabilidade do papel dos comunicadores nessa dinâmica.

Nos apoiamos em Jesús Martín-Barbero e pensamos que

o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.55).

Martín-Barbero nos mostra a necessidade de pensar a comunicação como uma problemática fundamental para se compreender a interação do indivíduo na sociedade. Fazendo contraponto ao que os primeiros investigadores dos estudos da recepção afirmavam, Martín-Barbero defende ser fundamental levar em consideração os aspectos socioculturais e as características do receptor, não apontando os meios de comunicação como centro principal do processo, que busca saber apenas quais as maneiras escolhidas para manipular a audiência (CANCLINI, 2003). O pesquisador latino-americano “julga inaceitável os meios de comunicação ignorarem os conflitos, as contradições, as formas de dominação e de transformação do meio social” (DANTAS, 2008).

O estudo barberiano defende que o ser humano não é configurado um receptor passivo, alheio a sua própria realidade e, por conseguinte, a mídia não delimita relação unilateral entre um emissor dominante e receptor dominado. O modelo comunicacional afirma que entre os dois polos há diversas trocas de intenções. Ou seja, as interpretações feitas das mensagens recebidas têm influências dos repertórios dos conteúdos culturais e da vivência individual do receptor. Retomando Ana Carolina Escosteguy, concordamos que:

A teoria em foco faz com que a comunicação assuma um sentido de práticas sociais que podem abarcar o sentido de produção cultural. Na ordem geral de tal proposta, pode-se dizer que não é possível compreender o que ocorre no campo da comunicação apoiando-se apenas no que produzem os especialistas da área (ESCOSTEGUY, 2001, p.187).

Com base no que fora exposto, pensamos que inserir os estudos das mediações no trabalho nos fornece possibilidade de ampliar as análises e não centralizar a pesquisa unicamente nos meios, o que nos permite considerar a comunicação a partir da cultura popular e alternativa. O ato de mediar significa estabelecer algum tipo de relação entre duas partes, onde as mediações servem de ponte estratégica para que trocas de sentidos sejam produzidas. Dentro dos aspectos de tais mediações podemos citar os *Estruturais* (classe social, experiências, conhecimentos, etc.); *Institucionais* (trabalho, igreja, escola, etc.); *Conjunturais* (como o indivíduo enxerga a vida, bagagem sócio cognitiva, etc.) e

Tecnológicos (cinema, televisão, etc.). Portanto, todas as mensagens fornecidas pelos meios não estão ligadas unicamente com a lógica produtiva, mas também com os desejos do público receptor e, todas as interpretações feitas pelo receptor são filtradas por suas mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997).

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia escolhida se inspira no modelo elaborado por Laurence Bardin que propõe algumas fases bem diferenciadas e que passamos a explicitar. Na primeira, chamada de *Pré-análise*, desenvolvemos a sistematização das ideias iniciais proposta pelo referencial teórico escolhido para que fosse possível realizar estabelecimento de indicadores das informações coletadas. É nesta fase que realizamos a leitura geral do material analisado e o organizamos para atingir a sistematização, o que nos conduziu as sucessivas operações. Esta primeira fase compreende a (1) Leitura Flutuante, onde temos o primeiro contato com os documentos coletados, conhecemos o texto e demais informações que fizeram parte da análise. Na (2) Escolha dos Documentos, definimos nosso *corpus* para posteriormente realizarmos a (3) Formulação das hipóteses e objetivos e então (4) elaboramos nossos indicadores, momento em que interpretamos os dados coletados. Ressaltamos que para escolhermos os dados que foram analisados, obedecemos às orientações das regras de: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 2009).

A segunda etapa de análise é a *Exploração do Material*, que consiste na construção das operações de codificação, em que recortamos os textos em unidades de registros, definimos as regras de contagem e classificamos e agregamos as informações em categorias temáticas. Foi nessa fase que o texto de todo o material coletado foi recortado em unidades de registro para então realizarmos a categorização. Tais categorias foram agrupadas inicialmente por temas, que geraram categorias intermediárias e que, por conseguinte, também resultaram em categorias finais. Para isso, usamos o processo indutivo ou inferencial, em que procuramos compreender o sentido de fala postos no conteúdo analisado, o que nos levou a buscar significação da mensagem primeira.

O *Tratamento dos Resultados* é a terceira fase do método. Nela realizamos a inferência e interpretação de todo o conteúdo contido no material coletado. As categorias existentes em cada apreciação nos possibilitaram realizar análise comparativa ressaltando os aspectos semelhantes e os que foram entendidos como diferentes. De forma objetiva,

podemos dizer que para utilizar o método escolhido seguimos as seguintes fases: a) leitura geral do material; b) codificação para formulação de categorias de análise; c) recorte do material; d) estabelecimento de categorias temáticas; e) agrupamento das unidades de registro em categorias comuns; f) agrupamento progressivo das categorias (iniciais – intermediárias – finais); g) inferência e interpretação, respaldados no referencial teórico escolhido.

ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Com base nas publicações do portal, feitas no primeiro semestre de 2018, especificamente no período de janeiro à junho, notamos que apenas três reportagens foram propagadas. A primeira, intitulada “Futebol parintinense, do auge a queda”, foi publicada dia 15/02/2018; posteriormente, dia 05/05/2018, publicou-se “O nirvana dos venezuelanos: a casa de acolhida Santa Catarina” e por fim, “Umbanda: a essência por trás do estereótipo”, publicada dia 15/05/2018. Diante das opções de reportagens disponíveis que tínhamos, optamos desenvolver análises na primeira e na última não só pela temática abordada, mas também para observar e apontar as diferenças de como deu-se a produção de tais conteúdos no início e no final do período em que optamos pelo recorte. Para a análise, organizamos as reportagens de acordo com as seguintes categorias: interesse (local, nacional, internacional); seção temática e vozes dos atores sociais exibidas nos conteúdos.

1. FUTEBOL PARINTINENSE, DO AUGUE A QUEDA (José Brilhante)

A primeira reportagem analisada tem o esporte como tema, mais precisamente o local, o futebol parintinense, portanto um tema de interesse local. A partir dos fundamentos dos estudos culturais e das mediações, identificamos por meio da história de vida e experiências culturais vividas pelos atores sociais envolvidos na narrativa - desde o principal fornecedor das informações, o senhor Nilo Gama, ex jogador aposentado, ao veterano jornalista de esporte, Flavio Luiz, bem como o próprio jornalista responsável pela reportagem analisada, José Brilhante – que o futebol parintinense vive um período de declínio, como o próprio título da reportagem menciona. Os personagens que vivenciaram os tempos áureos desse esporte lamentam a atual situação e culpam a tecnologia e a globalização, o alcoolismo (mostrado na reportagem como um problema causado pelos próprios “incentivadores” do esporte, uma vez que escolhiam bebidas

alcóolicas para pagar ou presentear os jogadores), e por fim, também direcionam essa culpa ao Festival Folclórico de Parintins, justificando que a festa popular atrai maior entusiasmo do povo em participar da brincadeira dos bois e por receber incentivos e verbas que o esporte não dispõe.

A reportagem fora escrita em alguns trechos com um tom humorístico, mas que vistos de maneira mais detalhada expressam componentes importantes de uma prática de cultura popular com o exercício de ações não contidas nas regras do esporte. Ainda fica evidente que esse esporte perdeu para outro evento mais industrializado e comercializado como é o Festival Folclórico de Parintins. O jornalista faz questão de contar a história apresentando gírias e utilizando termos regionais para enriquecer a narração desta, o que nos remete novamente a Martín-Barbero (1997) quando ele diz que é preciso (re)conhecer as mediações histórico-culturais dessas possibilidades midiáticas e re-situá-las dentro do lugar estratégico em que o campo da comunicação passou a exercer na formação de novos modelos da sociedade. Destacamos também que, no texto, o futebol é apresentado como uma manifestação não alienante, de conotação popular, narrado pelas vozes dos atores sociais que vivenciaram aquele período.

Entendendo a comunicação como cultura (HALL, 2003), a reportagem em questão nos possibilitou ver a referida prática como resistência social/cultural, pois vimos que as inter-relações desses padrões foram vividas em um dado período, que contribuiu para que suas estruturas de experiências fossem criadas. Fica claro, por meio das falas dos personagens, perceber que as experiências vividas por aquelas pessoas proporcionaram bagagem social/cultural. Por este motivo, lutam para que ainda possam ter espaços tanto na prática de esporte e lazer, quanto nos espaços comunicacionais.

A narrativa foi escrita de forma acessível para mostrar desde o auge até à queda do futebol parintinense. O tom humorístico é utilizado e aparece principalmente quando são narradas as “histórias engraçadas” das partidas de futebol, como por exemplo no trecho em que estas são relatadas:

Em dia de clássico as “cipoadas” de pião roxo estalavam na arquibancada em momentos de dificuldade ou de placar inferior. As senhoras carolas durante a semana, transformavam-se em defensoras e xingadoras de seus times. Tudo era saudável, segundo Zezinho Farias, torcedor do Sul América.

Jogadores passavam por fatos inesquecíveis. Ao bater a lateral no momento do jogo, torcedores da equipe oposta desferiam lambadas de cipó nas costas do atleta, assim sendo uma forma de intimidação para o jogador. [...] Ouve até desmaios propositais

para retirar o goleiro do time adversário em um jogo para desfavorecer a equipe contrária.

A falta de espaços públicos destinados a prática de esporte também é mencionada, fato este que restringe o acesso das minorias e que acabam sendo prejudicadas e permanecendo à margem de uma participação social por serem excluídos e privados de espaço para exercitar o esporte. O relato de um ex jogador confirma a afirmação. Wilson Cabral diz que, com o crescimento urbano da cidade, espaços que antes eram utilizados para a prática da modalidade de forma gratuita e acessível foram retirados.

“A garotada se divertia tranquilo jogando bola. Hoje em dia pra você conseguir um espaço no campo, na areia e no sintético, tudo é pago. E assim acabam restringindo o futebol de Parintins”, explica.

Para além da escolha em relatar um fato lamentável de forma leve, acredita-se que fora seguida tal estrutura de produção para que os receptores das mensagens pudessem melhor compreendê-la e assim dispor de mecanismos para ter diversas possibilidades de interpretações. Reiteramos novamente o papel da comunicação alternativa, por dar vez e voz as minorias, mas também fazer contraponto ao sistema vigente, fato este que podemos observar quando na reportagem analisada são mencionadas duras críticas a prefeitura da cidade, por ficar anos sem direcionar investimentos ao esporte local e também quando são relatados os métodos de negociações dos presidentes dos times, em que uma pequena classe da elite parintinense, composta por médicos, empresários e demais poderosos que faziam parte da Associação da Liga Esportiva Parintinense de Futebol (Alepin) decidiam, por interesses particulares, o resultado das votações de propostas.

2. UMBANDA: A ESSÊNCIA POR TRÁS DO ESTEREÓTIPO (Adriane Vasconcelos)

A segunda reportagem analisada tem como tema a religião, especificamente a Umbanda. A narrativa carrega uma diversidade de informações onde são apresentados um pequeno histórico da manifestação cultural na cidade de Parintins, suas características, sessões, ritos e todo o preconceito sofrido pelos seus seguidores. A liberdade de escolha de religião fica, portanto, tal como aparece na matéria, afetada por falta de respeito as crenças individuais. O preconceito para com as religiões, principalmente as de

matrizes afro-brasileiras, consiste no juízo preconcebido que os indivíduos têm com base nas percepções sociais negativas criadas destas. As escassezes de veiculação desses conteúdos nos meios de comunicação, bem como a veiculação de forma tendenciosa e com estereótipos negativos, contribuem significativamente para que atitudes discriminatórias ainda existam.

Nesse sentido, o jornalismo alternativo aborda conteúdos oriundos do jornalismo cultural procurando formular esclarecimentos acerca da situação das mídias que tomam a cultura como objeto, tendo como eixo (também) as experiências e gostos pessoais. O conceito de *cultura* abordado aqui, por exemplo, parte do que Edward Burnett Tylor diz, no século 19, em que:

[...] aquele complexo inteiro que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (TYLOR, 1958, p. 1)

Partimos do pressuposto de que tudo que envolve hábitos e aptidões humanas, desde a produção de livros, o desenvolvimento de tecnologias, as relações sociais, até a fabricação de mesas e automóveis, são produções culturais (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2007). Percebemos, portanto, a importância da veiculação desses conteúdos nas mídias e entendemos *cultura* nos estudos culturais alternativos de acordo com o seguinte conceito:

Nos cadernos culturais apareciam elementos que expressariam a forma de ser de um povo. A dança seria uma dessas manifestações de um grupo social que são únicas e não comparáveis. A ênfase de uma parte do jornal coo sendo eminentemente cultural parece obedecer à mesma dicotomia entre civilização e cultura para os intelectuais alemães. Assim, vão aparecer temas ligados às artes, às letras, à filosofia, à religião, à dança, enfim, assuntos que valorizam as realizações interiores e espirituais. (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2007)

Destacamos no texto o cuidado e respeito com que a temática fora abordada. Nesse sentido podemos afirmar que o interesse da matéria, embora seja local, poderia servir para outras regiões do país. Percebemos que a jornalista desenvolveu pesquisas prévias e apresentou entrevistas com atores sociais. Destacamos novamente a importância que essas vozes sejam ouvidas, que ocupem seus locais de fala para que elas mesmas

representem esse segmento pouco ouvido. Na reportagem em questão, notamos isso por meio das falas da mãe-de-santo, Bena de Oxóssi.

Durante as sessões, que são os cultos na umbanda, a mãe-de-santo coordena as cantigas de acordo com os espíritos que são incorporados, além da participação dos filhos-de-santo que também fazem esse processo de transe mediúnico. “Nesse momento, não é possível saber quais espíritos serão incorporados. Cada médium possui um orixá e guias que os auxiliam, e dependendo do momento, qualquer um deles pode ser incorporado”, relata Mãe Bena.

Na Umbanda há um conjunto de instrumentos que formam a música do terreiro que são utilizados durante as sessões, são chamados de Engoma. Tradicionalmente a base de toda engoma são os atabaques (tambores), considerados sagrados que são cruzados pelas entidades, possuindo nomes de acordo com seus tamanhos sendo eles: Rum, o maior Rumpi, o médio e Lê, o pequeno.

Achamos importante reiterar a legitimidade intelectual da comunicação, principalmente por entendê-la como lugar estratégico para se pensar a sociedade e sua pluralidade cultural e religiosa. Nesse sentido, o papel do comunicador torna-se indispensável nesse processo, principalmente no que se refere a desmistificação de conceitos e lutas contra preconceitos. Nossa análise cultural aponta aqui para o peso social nos estudos e investigações no campo das Mediações Culturais, repensando a relação comunicação-sociedade e redefinindo a importância e responsabilidade do papel dos comunicadores nessa dinâmica.

O espaço que a Umbanda e outros assuntos pouco vistos na grande mídia ganham da imprensa alternativa faz com que tais conteúdos sejam disseminados para que mais pessoas tomem conhecimentos e quebrem estereótipos impostos historicamente, que acabaram sendo enraizados. Por este motivo, reafirmamos o papel da comunicação alternativa na contemporaneidade, pois esta serve de ponte estratégica para que debates críticos sejam ampliados. Os noticiários sobre a região amazônica, por exemplo, na maioria das vezes, são veiculados de forma exótica, sedutora. E é aí que o jornalismo alternativo então entra em cena, com a possibilidade de levar conhecimentos acerca de diversidade cultural/religiosa e outros inúmeros assuntos referentes, relevantes e próprios da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização das análises, verificou-se que o Portal Sátira difunde mais informações de interesse local do que nacional e internacional, valorizando assim os fatos da cidade, mantendo o público informado de assuntos que estão mais próximos a eles, dando voz a setores nem sempre presentes na grande mídia. As temáticas difundidas nas duas reportagens nos permitiram perceber que a comunicação alternativa contemporânea na Amazônia sobrevive e mantém vivas as suas características históricas, trazendo em seus conteúdos informações em profundidade, o que permite ao receptor ter inúmeras possibilidades de interpretações.

Com a análise, vimos a importância de dar espaço aos atores sociais - como o ex jogador de futebol, Nilo Gama, e a mãe-de-santo, Bena de Oxóssi - para que suas histórias sejam narradas a partir de suas experiências culturais vividas, fato este que contribui para que tais mensagens sejam compreendidas e interpretadas pelos receptores de forma ampla. Para sustentar a referida afirmação, trouxemos aqui o que o estudo barberiano propõe, em que os conteúdos culturais veiculados são responsáveis, somados as vivências culturais, pelos repertórios que cada indivíduo possui de narrar e interpretar a realidade.

Martín-Barbero estabelece, por meio do modelo comunicacional que propôs, um processo de interação onde há um espaço de natureza representativa ou simbólica entre o emissor e o receptor. Este é preenchido pela mensagem que pode ser configurada com múltiplas variáveis. A partir dessa dinâmica, o autor explica como a mensagem será absorvida:

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que trazem consigo seu manual de uso – transmite ao receptor (MARTIN-BARBERO, 2002, p. 55).

Nesse caso, percebemos a importância de ver essas histórias narradas a partir das experiências de indivíduos que vivem diariamente tal realidade. Novamente contextualizamos com o processo comunicacional da teoria das Mediações Culturais, uma vez que, os efeitos causados por esta, diferente dos estudos tradicionais, está na propagação e produção de elementos culturais que são condicionados pelas tecnologias de comunicação e trabalham em harmonia com a sensibilidade e os meios de interpretação

do indivíduo, que dotado de sentido, passa a interpretar a mensagem a partir de sua bagagem sociocultural. Por isso:

Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297).

Portanto, reafirmamos a importância de analisar a comunicação a partir da cultura, posta no trabalho que aqui se segue a partir das implicações do pensamento barberiano, em que pressupõe não centralizar a observação de forma uníssona dos meios, mas fazer com que essa análise seja ampliada para as mediações, que servem como estratégias de comunicação onde a partir da participação do indivíduo este representa não apenas a si próprio, como também todo o seu entorno, gerando múltiplas trocas de sentidos e possibilidades de interpretações.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: 4ª ed., 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

COLODETI, Elisângela. **Jornalismo alternativo para o século XXI: um estudo sobre os sites Agência Pública e Ponte**. PPGCOM Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais. Belo Horizonte, 2016.

DANTAS, José Guibson. **Teoria das Mediações Culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para os estudos de recepção**. Diálogos Possíveis: FSBA, 2008.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, Nilo Sergio S. **A imprensa alternativa ontem, hoje e... amanhã?**. Comunicação apresentada no 3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia – Alcar Sudeste 2014, no Rio de Janeiro (RJ). Rio de Janeiro: Rede Alcar, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília, 2003.

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. **Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo, 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. Editora Página Aberta Ltda, 2 ed., 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação & Jornalismo - A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol XXIII, n. 1, jan-jun. 2000.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MORAES, Dênis. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Covilhã: Biblioteca Online das Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>. Acesso em 04 jun. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental, Editora 34, 2009.

SILVA, Nathalia Aparecida Aires; VIEIRA, Andressa Carvalho; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Comunicação militante na web: um estudo descritivo dos blogueiros progressistas**. Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Mossoró (RN): Intercom, 2013.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e SIQUEIRA, Euler David. **A cultura no jornalismo cultural**. *Lumina*. Revista do Programa de Pós-graduação em comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. n. 1, v. 1, jun. 2007. Semestral. Disponível em: [http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=issue&op=view&path\[\]=1](http://www.ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=issue&op=view&path[]=1). Acesso em: 30 maio 2020.

VIGAR, Vivian. **Jornalismo cultural alternativo**. Revista Alterjor, São Paulo, ano 04, vol. 02, ed. 08, jul-dez 2013.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 4. reimpressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.